



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 48

Tão perto e tão longe

Branca Vianna: Pode começar? Pode?

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta.

Branca Vianna: Tá, tá bom, então tá.

Branca Vianna: Eu sou a Branca Vianna.

Branca Vianna: Eu queria primeiro entender de onde veio essa história.

Rodrigo Pedroso: A história começa em 2019.

Branca Vianna: E esse que tá falando comigo é o Rodrigo Pedroso.

Rodrigo Pedroso: Eu estava morando na região da Tríplice Fronteira, ali Brasil, Colômbia e Peru. E aí, um dia, conversando com uma moça da Funai que trabalha lá e ela falou: “Olha, tem uma história aqui de alimentação escolar e de indígenas que estão pressionando a gente aqui para poder mudar a situação de produção delas”. E aí, no começo eu não dei muita bola

para a história. Não é uma história muito sexy para os editores, não tem a ver com ilegalidade, com narcotráfico.

Branca Vianna: Tem alguns anos já que o Rodrigo tá morando cada hora numa parte da Amazônia, e fazendo reportagens de lá para vários veículos diferentes, dentro e fora do Brasil. E ele tá acostumado com o fato de que, nessa editoria, o que dá Ibope é outra coisa.

Rodrigo Pedroso: Todas essas dinâmicas que a gente vê da Amazônia, de garimpo, narcotráfico, madeira, pesca ilegal, acabam passando por ali.

Branca Vianna: Essa história que a mulher da Funai contou pra ele não tinha a ver com nada disso. Um grupo de mulheres tikuna queria a ajuda da Funai pra resolver um problema que envolvia merenda escolar.

O Rodrigo ouviu a história – e a gente já vai chegar nela –, e ele ficou interessado, mas não conseguiu vender a pauta pra nenhum veículo pra onde ele frilava.

Isso foi lá em 2019. Daí, agora, no começo desse ano, ele lembrou dessa história e resolveu voltar a ela.

Juliana Faddul: Quando a gente falou de de merenda, eu falei: "Não... merenda, não".

Branca Vianna: Essa é a Juliana Faddul, que você já deve ter ouvido em outros episódios aqui do Rádio Novelo Apresenta. Ela e o Rodrigo Pedroso se conheceram na faculdade – e mais recentemente eles começaram a trabalhar em pautas juntos na Amazônia. Isso de dois anos pra cá – porque antes a Ju trabalhava com TV, em produção de telejornal.

Juliana Faddul: Sabe quando você entra no automático do hard news, de falar assim: "Ah, não tenho pauta para hoje". "Ah, vê merenda, que merenda sempre tem problema", sabe? Eu trabalhava em jornal local, então era muito uma coisa assim: "A Escola Estadual de Paraisópolis está com a merenda estragada". Aí você ligava para a Secretaria de Educação e falava: "Por que é que a merenda está estragada?"

Branca Vianna: Num primeiro momento, a Ju não ficou muito seduzida pela pauta. Nada contra merenda, muito pelo contrário. Só não parecia a pauta mais urgente entre tantas pautas urgentes pra cobrir na Amazônia.

Mas tinha uma coisa nessa pauta que chamou a atenção do Rodrigo. Porque ela parece o típico problema que não tem porque existir. Ele me contou o que a funcionária da Funai tinha ouvido das mulheres tikunas.

Rodrigo Pedroso: A alimentação escolar do município, de todos os municípios é feita basicamente por alimentos processados, ultraprocessados, que vêm lá de Manaus.

Branca Vianna: Alimentos processados, ultraprocessados.

Rodrigo Pedroso: "Nossos filhos tão comendo bolacha de merenda, de café, da manhã, de almoço, estão tomando suco em pó, estão comendo enlatado, apresentado, charque, fiambre" – que tem muito na região...

Branca Vianna: Tá aí uma discussão bem contemporânea, né? Quando os meus filhos eram pequenos, eu não lembro de ninguém falar que tinha nada de errado em dar biscoito recheado e Danoninho.

Toda essa discussão sobre a importância dos orgânicos, etc, é meio novidade. Mas é claro que essa é a minha realidade morando aqui no Rio de Janeiro a vida toda. Pras mulheres tikunas, essa oferta de ultraprocessados bate de outra forma. Por uma razão óbvia: elas mesmas produzem alimentos orgânicos desde sempre. E, quando elas procuraram a Funai com esse problema, o problema na verdade eram dois problemas. Tipo: "Escuta: as crianças estão comendo porcaria na escola..."

Rodrigo Pedroso: "Enquanto a gente produz um monte de produto orgânico natural aqui que estraga". Elas não tinham pra onde escoar a produção, então muita coisa acabava estragando, porque eles não tinham acesso ao mercado e eles produziam e aquilo ficava ali.

Branca Vianna: Entendeu por que eu falei que era um problema que não deveria existir? A saída parece óbvia, né? É só deslocar essa produção das hortas tikunas direto pras cantinas das escolas e pronto: ingredientes frescos e nutritivos pra merenda das crianças.

Rodrigo Pedroso: Só que daí a gente vê que é muito mais complexo...

Branca Vianna: É muito mais complexo.

No episódio de hoje do Rádio Novelo Apresenta, a gente tem duas histórias que encarnam perfeitamente aquela expressão "tão perto e tão longe".

A primeira é essa aqui.

ATO 1

Branca Vianna: Quando o Rodrigo ouviu essa história na Funai, em 2019, falaram pra ele procurar a Adelina Ramos.

Adelina Ramos: Meu nome é Adelina Fidelis Ramos, da nação de Mutum, e nasci aqui mesmo em Belém do Solimões.

Rodrigo Pedroso: Belém do Solimões, que é onde fica a aldeia da Adelina, né? Fica entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. Bem no meio entre essas duas cidades no Alto Solimões. Tem entre cinco, cinco mil e quinhentos habitantes.

Branca Vianna: A Adelina é presidente da associação de mulheres tikunas que estava em busca de uma solução pra esse problema duplo. Na verdade, num primeiro momento, o que elas queriam mesmo era um mercado pra onde escoar a produção.

Adelina Ramos: Abacaxi, banana, farinha, goma, melancia, milho... e sobra muito, porque produz muito.

Branca Vianna: Até que uma hora deu um estalo na cabeça dela...

Rodrigo Pedroso: O que deu o estalo na cabeça dela e das duas colegas dela foi assim: ela via a produção estragando de um lado e do outro as crianças comendo alimentos ultraprocessados que não têm a ver com a realidade, não é bom pra ninguém no final das contas.

Branca Vianna: A Ju foi até Belém do Solimões pra ver isso in loco.

Juliana Faddul: Alô, alô? Teste, teste.

Branca Vianna: A Adelina contou pra Ju que as mulheres indígenas de várias comunidades ali do Alto Solimões resolveram se juntar pra tentar resolver esse imbróglio da escoação da produção.

Adelina Ramos: Cajari e Boa Vista, Nova Ressurreição, Nova Extrema e várias comunidades. Muitas mulheres que trabalham não têm onde para vender seu produto.

Branca Vianna: Quando caiu a ficha de juntar a produção das hortas com a merenda escolar era tipo juntar a fome com a vontade de comer. A associação foi bater lá na porta da Funai.

E aí começa o problema número 1: o que é de atribuição de cada órgão. A Funai não tem ingerência sobre a logística das merendas escolares – mesmo nas escolas onde a maior parte dos alunos é indígena. Essa é uma atribuição da prefeitura – no caso das escolas municipais, ou do governo do estado – no caso das estaduais, e por aí vai.

Rodrigo Pedroso: E essas mulheres continuaram, reunião atrás de reunião. Elas iam para Tabatinga, batiam na porta.

Branca Vianna: E de porta em porta, elas chegaram ao Ministério Público Federal – o MPF.

Rodrigo Pedroso: E o MPF falou: a gente pode tentar ajudar pressionando os prefeitos pra que as prefeituras comprem a produção desses indígenas através do PNAE.

Branca Vianna: O PNAE. Sem o PNAE, talvez a gente nem estivesse falando dessa história aqui.

Rodrigo Pedroso: que é o Programa Nacional de Alimentação Escolar, que é uma lei de 2009 que prevê que 30% da alimentação escolar comprada com verba do governo federal tem que vir da agricultura familiar. Indígena, quilombola, ribeirinho, acaba se enquadrando nessa definição.

Branca Vianna: O problema é que, na prática, são outros quinhentos.

Rodrigo Pedroso: A famosa lei para inglês ver. Põe uma lei bonitinha ali e deixa a realidade correndo pro outro lado. Então, pra um tema que parece de menor importância entre aspas, como merenda escolar...

Fernando Merloto: Até hoje, por vários e vários motivos, não cumprem aquela coisa de compra mínima de 30%. Ou seja, faz quase 15 anos.

Branca Vianna: Esse é o Fernando Merloto.

Fernando Merloto: Fernando Merloto Soave, procurador da República no Amazonas.

Branca Vianna: A Ju conversou com ele em Manaus, em agosto desse ano. Ela queria entender quais são esses "vários motivos" que impedem o PNAE de ser cumprido. Pra começar: ok, a ideia da lei é que 30% da alimentação escolar comprada pelo governo federal venha da agricultura familiar. Só que não é nada simples se cadastrar como fornecedor do governo.

Fernando Merloto: Precisava de vários documentos: DAP, no Pronaf, não sei o que, não sei o que para poderem fornecer. Eles não tinham nem noção, né?

Branca Vianna: Pronaf, DAP, tudo isso que o Merloto tá falando parece grego pra mim – e provavelmente pra qualquer um que não trabalhe diretamente com esse tipo de burocracia. Mas ele explicou pra Ju como o MP tá trabalhando junto com a Funai pra fazer valer essa lei. Porque, de um lado, tem as agricultoras tikunas que não têm intimidade com a burocracia. Mas do outro lado, entre os próprios gestores públicos, a situação não é muito diferente.

Fernando Merloto: Não sabia nem que tinha política toda hora muda, entendeu? Ou não queria mesmo implementar. Porque uma coisa é uma licitação que se compra tudo, de um fornecedor só. Em tese, de um lado é mais fácil assim, um só eu vendo, tal...

Branca Vianna: Em tese a gente pode entender que falta conhecimento.

Fernando Merloto: Desconhecimento ou até má fé de gestores públicos...

Branca Vianna: Mas a gente sabe que concentração de tudo num fornecedor só, também...

Fernando Merloto: Mais fácil roubar porque é um só. Eu faço o esquema com ele e tal e infelizmente isso existe também bastante. E quando você pulveriza isso para comprar do agricultor familiar, não é uma mega produção geralmente, são produções menores. Então vai ter todo, talvez um pouco mais de dificuldade inicial, administrativa e tudo. E até o roubo acho que fica um pouco mais difícil.

Branca Vianna: Até aqui a gente tá falando de problemas burocráticos, que podem se resolver com apoio jurídico, na papelada. Só que o Merloto apontou um terceiro problema de outra ordem: logística.

Fernando Merloto: Entraves sanitários. Então inicia-se todo esse processo gargalo por gargalo. Notas técnicas para mostrar que, olha, os indígenas tem seu próprio meio de conservar seu próprio alimento. Não precisa ficar a Anvisa falando que tem que congelar o peixe dele pra ele e a prefeitura pode comprar e ele vai entregar para a escola. Então a gente começa a trabalhar

tudo isso. Então, até nisso a logística de levar esses alimentos vai se quebrando. Não precisa levar, ele tá produzindo ali, ele entrega ali.

Branca Vianna: Todo um sistema que tinha sido montado em torno da entrega massiva de comida industrializada foi sendo desmontado.

Fernando Merloto: E a prefeitura vai economizar, o Estado também.

Branca Vianna: Pois é, faltou dizer isso. Comprar comida de agricultores familiares tá longe de ser uma caridade, uma bondadezinha do Estado. É um baita negócio.

Fernando Merloto: Ela chega a gastar 5 a 10 vezes mais de logística do que o valor do alimento. O que isso significa? Ela precisa comprar 100 mil reais de farinha, peixe, frango para levar. Ela gasta 500 mil reais para levar. Paga 100 mil comprando alimento e mais 500 mil com barco e combustível.

Branca Vianna: Nesse esquema, o governo economiza em transporte, os agricultores conseguem um mercado pro produto deles na própria comunidade deles.

Fernando Merloto: Então todo mundo ganha.

Rodrigo Pedroso: Você sai de um único produtor ou de um único empresário que está vendendo e você joga esse dinheiro, pulveriza na mão da população. Então eles vão consumir mais, vão produzir mais. Você tem esse efeito econômico benéfico, só não digo que é um ganha-ganha porque quem perde é o dono do mercado lá de Manaus. Mas essa é a vida.

Adelina Ramos: Aí nós conseguimos entregar nosso produto na escola...

Branca Vianna: Voltando aqui com a Adelina, da associação de mulheres indígenas do Alto Solimões. Depois de muita papelada, muita bateção em muitas portas, e muita insistência, elas acabaram conseguindo fornecer comida pra escola de Belém do Solimões. Só que isso não resolveu tudo.

Adelina Ramos: Só uma escola, aí sobrava muito nosso produto.

Branca Vianna: Por mais famintas que as crianças tivessem no recreio, uma escola não conseguia consumir todo o excedente da colheita delas. Aí elas foram entrando em mais editais pra poder atender mais escolas.

Rodrigo Pedroso: Então, a prioridade sempre são as escolas ali da aldeia, das comunidades, onde tá mais perto para o problema de logística. Mas só que a produção aumenta muito, vai direto para Tabatinga.

Adelina Ramos: Aí já engloba várias escolas, todinho de Tabatinga.

Rodrigo Pedroso: O projeto deu certo, que agora em Tabatinga tem uma outra aldeia indígena do lado da cidade, chama Umariáçu. Então, a alimentação do município de Tabatinga hoje, agora já vem de Umariáçu e não de Belém do Solimões, porque fizeram em Umariáçu com os indígenas de Umariáçu, deu certo e agora eles estão vendendo para as escolas do município, da parte urbana que está mais próximo. Então, assim, você vai irradiando.

Branca Vianna: Maravilha né? Problema resolvido.

Rodrigo Pedroso: A cada ponto que a gente andava na apuração, a gente achava que "agora a gente entendeu, agora foi". Então foi com a Adelina, entendemos o problema, entendemos como aquilo se aqueceu e tal. Depois foi no Merloto, como é que o Ministério Público está lidando com isso de maneira estadual e agora está tentando fazer uma normativa nacional baseada na experiência do Amazonas. Então, entre trancos e barrancos, tá indo... Só que aí a Ju vai lá para Tefé, e, com essas outras ribeirinhas, outras comunidades tradicionais de outros pontos do Estado, vê que é muito mais complexo.

Branca Vianna: Pois é. No mundo da merenda, dificuldade pouca é bobagem.

Rodrigo Pedroso: Acho que tem essa coisa da propaganda, a indústria alimentícia como um todo, que o industrializado é mais confiável e ele é melhor. O frango congelado lá tem um status de riqueza porque vem de fora,

é congelado. Vem de muito longe e é mais caro. Então, assim, essa própria ideia do que é manufaturado, do que que é industrializado, também chega nesses lugares com uma ideia atraente de modernidade e faz as pessoas darem esse valor relativo de que o que é industrializado acaba sendo melhor do que o fresco natural que tá ali do lado, né?

Branca Vianna: Faz sentido. A pessoa, de um modo geral, valoriza o que não conhece bem. A gente faz igualzinho. Status é a coisa rara, é a coisa difícil...

Rodrigo Pedroso: E tem uma curva de aprendizado aí, né?

Branca Vianna: Tem uma curva de aprendizado. Do mesmo jeito que eu não sabia que biscoito recheado não era a melhor opção de lanche pra levar pra pracinha, as merendeiras estão aprendendo também. Quando a Ju tava no Amazonas, ela ficou sabendo de uma oficina que ia ter em Tefé.

Juliana Faddul: Alô, Alô! Estamos aqui em Mamirauá.

Branca Vianna: Era uma oficina de nutricionistas de várias partes do Brasil, que estão viajando também pra vários lugares do Brasil...

Juliana Faddul: Principalmente a Amazônia, porque elas querem escrever uma nota técnica para ver quais são os problemas da base, mesmo, o que está acontecendo no dia a dia dessas merendeiras e o que é que o poder público pode ajudar.

Branca Vianna: Uma das nutricionistas que estava lá na oficina e que conversou com a Ju foi a Michelle.

Michelle Jacob: Eu sou Michelle Jacob, sou professora do curso de Nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Um dos grandes desafios da atualidade é tentar integrar essa abundância da biodiversidade que existe no Brasil e particularmente aqui na Amazônia, na alimentação escolar. Se a gente conseguir trazer essa diversidade para o prato, a gente vai ter uma produção mais diversa e vice-versa. Então ganha o ambiente com os

recursos que são gastos e a forma como a gente maneja a produção de alimentos, mas ganha também as pessoas. Que a gente sabe que quanto mais rica em termos de diversidade nossa alimentação – é, considerando plantas, animais, fungos, algas – maior é a qualidade nutricional da nossa dieta, menor mortalidade, maior qualidade da nossa microbiota. Então é um ganha-ganha.

Branca Vianna: “Ganha-ganha” é uma das frases que mais surgiu nessa história. Mas, pra variar, não tá fácil chegar nesse ganha-ganha.

Neide Rigo: A gente tem uma abundância muito grande de alimentos que não estão presentes no cardápio. E venho atuando, que é na ponta, que é como trabalhar com esses alimentos, vencer um pouco da resistência, da resistência de merendeiras, de pais, de gestores...

Branca Vianna: Essa é a Neide Rigo, que a gente ainda não tinha apresentado.

Neide Rigo: Meu nome é Neide Rigo e eu sou nutricionista.

Branca Vianna: Aproveitando aqui pra dizer que se você ainda não segue a Neide Rigo no Instagram, você tá perdendo altas receitas com plantas não convencionais. Então, fica a dica: @neiderigo. E a Neide tava ali justamente nesse papel, pra trabalhar junto com as merendeiras, pra elas conseguirem aproveitar ao máximo a produção da agricultura familiar.

Neide Rigo: Porque se você não tiver a merendeira como aliada nesse processo de transformação, você não tem nada. Porque você pode ter todos os desafios aí vencidos. Quando chega ali na hora de fazer a merenda, se a merendeira não resolve que ela não gosta daquele produto e que ela acha que os alunos não vão gostar, ela não vai fazer. Ou ela vai fazer de uma forma que só para provar a teoria que ela já tem de que eles não gostam mesmo.

Branca Vianna: Pra essa transformação dar certo, ela tem que fazer sentido pras merendeiras.

Juliana Faddul: O que aconteceu: a Neide, ela coordenou uma oficina que era o seguinte: começava com ela fazendo um café da manhã incrível para essas merendeiras, falava: "Tudo que eu fiz foi com ingredientes daqui da terra de vocês".

Neide Rigo: A indústria alimentícia, ela chega poderosa nas nossas cabeças dizendo que é bom comer isso porque tem mais vitamina, que um danoninho vale por um bifinho. Isso fica na nossa cabeça. E aí a gente acaba desvalorizando o que tem perto. "Ah, não, é só um mingau de banana verde com leite de castanha". Gente, isso é um luxo, né? Não é "só" isso. Isso é tudo! Vocês são uma parte super importante, porque vocês estão ali na ponta. Vocês que vão oferecer a comida para os estudantes, para as crianças. Embora eu adore o nome "merendeiras" e "merendeiros", mas o que se quer hoje é que tenha alimentação e não só merenda. Então a gente quer que termine essa era do biscoito com suco.

Juliana Faddul: No segundo passo, o processo dessa oficina, ela fez uma... (é que eu apelidei de "Masterchef", mas ela disse que não).

Branca Vianna: Não era exatamente Masterchef, vai, mas era um desafio. A Neide desafiou as merendeiras a criar receitas a partir dos ingredientes locais, e sem usar coisas do tipo leite condensado ou maionese.

Juliana Faddul: "Ah, a gente pode fazer um bolo". "Mas não tenho leite para botar". Aí elas ficaram olhando, elas: "Ah, vamos tirar da castanha, então".

Cristiane Lopes da Silva: Que que nós vamos misturar? Tacar leite em pó, pode tacar leite da castanha e vê como fica...

Branca Vianna: Quer dizer: era também uma maneira de usar os ingredientes perecíveis de um jeito que fizesse a comida durar mais.

Juliana Faddul: Você vai vendo o processo de que uma fruta pode virar não só um suco, mas também um bolo.

Cristiane Lopes da Silva: Estamos no meio da riqueza porque era uma coisa que eu morria e não sabia. Mas agora já sei. Agora eu faço em casa. Né? E lá onde nós moramos tem tanto isso aqui, macaxeira, banana.

Branca Vianna: Ao longo da oficina, algumas das participantes foram lembrando de comidas que elas comiam quando eram crianças. O tipo de prato que se fazia por lá antes de chegar um monte de coisa empacotada.

Marcelane Rocha Pantoja: E aquele lá é a castanha temperada ali dentro dessa vasilha.

Neide Rigo: Como chama mesmo?

Marcelane Rocha Pantoja: Rapaz, chamava mesmo é de "miolo de porco". Mas se quiser dar outro nome, não tem problema não.

Voz: Chamava assim, é? A castanha temperada chama miolo de porco?

Neide Rigo: E ela não comia desde a infância dela, que a mãe fazia...

Branca Vianna: Depois da oficina Masterchef, teve um banquete, e depois uma roda de conversa. E, nessa roda, as merendeiras foram trocando ideias e falando sobre os desafios que elas ainda estavam tendo que lidar. Desafios bem menos divertidos do que os do Masterchef da Neide.

Silmara Mendonça Barbosa: E a merenda é bem pouca, bem pouca mesmo. É quatro bolachas e um iogurte no dia do iogurte. Aí, tipo do macarrão, vem aqueles quatro fios. A gente já acrescenta pra colocar um pouquinho a mais.

Branca Vianna: Essa é a Silmara Mendonça Barbosa.

Neide Rigo: Vocês acrescentam...

Silmara Mendonça Barbosa: Isso, porque lá no cardápio vem... porque como a gente vai colocar aqueles quatro fiozinhos de macarrão num prato, só quatro? Não tem como.

Branca Vianna: Na escola da Silmara, tinha refeições mais decentes durante uma parte do mês, mas aí chegava uma hora que faltava comida. Não eram quatro fios de macarrão, era zero. E além de faltar comida, não tinha nem onde comer a comida. O pouco que vinha, as crianças estavam comendo no chão.

Juliana Faddul: Aí teve uma outra na comunidade de Tauari, que na que elas comiam na casa da merendeira. Então, assim, se tirava as crianças da escola, levavam ela pra casa da mulher, mesmo. Ela cozinhava lá, dava para as crianças comerem. Depois as crianças voltavam pra escola.

Branca Vianna: Foi a merendeira Jaiana Cavalier quem contou essa história na oficina.

Jaiana Cavalier: A gente não tinha o fogão, não tinha geladeira, não tinha nem lugar onde colocar o gás já não tinha, aí era feito em casa. Até o ano passado, as crianças iam na minha casa...

Juliana Faddul: É muito fácil falar: "Não, a sociedade civil que tem que fiscalizar"— só que a sociedade civil não sabe seus direitos. Então, assim, foi nessa conversa, nesse encontro, que essas duas merendeiras específicas perceberam que: "Pera", que está errado. Tipo, se é uma escola pública não tem que levar crianças para minha casa particular, onde eu vou gastar mais refrigerando, mais gás, mais luz, sendo que existe uma verba para isso, entendeu?

Rodrigo Pedroso: Ou deveria existir.

Juliana Faddul: É, ou deveria existir.

Branca Vianna: É aquela história – o Brasil, terra da abundância, onde dizem que tudo que se planta dá. Só que tá aí a criançada comendo quatro fios de macarrão sentada no chão de um lugar que nem escola é.

Juliana Faddul: Você vê comida na Amazônia em todo lado. Na paisagem tem comida. Então você acha que é um problema muito fácil, que as pessoas vão aceitar muito fácil. E, na verdade, na prática, você se depara com 1 milhão de desafios, desde a mulher está sozinha até uma nutricionista responsável por 500 pessoas, por 500 crianças.

Branca Vianna: Fazer essa comida em abundância que tá saindo da horta da Adelina e de outras hortas chegarem na escola é parte da luta da associação, da Funai e do Ministério Público.

Só que aí a gente chega em mais um problema, que é: não é só estalar os dedos pra esses ingredientes frescos todos virarem o almoço das crianças.

Juliana Faddul: Então, por exemplo, não adianta nada chegar o agricultor, a prefeitura comprar os 30% que precisa do agricultor familiar e jogar na escola um monte de mandioca. Se a mesma merendeira vai lavar, tem que lavar a cozinha, tem que cozinhar, tem que servir as crianças... não tem como descascar 1 milhão de mandioca.

Branca Vianna: É o velho problema do acúmulo de funções femininas, dessa vez nas costas de uma só merendeira. Toda a discussão sobre alimentação, no fim, é uma discussão de classe e de gênero, né?

Nas grandes cidades, a gente sabe como o produto orgânico, de pequenos agricultores, acaba sendo elitizado, como ele custa mais caro porque fica à mercê do tempo e das intempéries da natureza, etc etc. Mas não precisa ser orgânico... Só de falar de alimento fresco – verdura, legume, fruta, carne, coisa que você compra na feira – tudo isso dá trabalho pra fazer. E mulheres que têm dupla, tripla jornada, têm menos tempo pra cozinhar.

Agora: isso é falando de comida de casa, de cozinhar pra família. Imagina fazer comida pra um batalhão de crianças. É óbvio que esse não é trabalho pra uma só merendeira. A contratação de mais mão de obra pro trabalho da merenda tem que ser parte da luta, se não essa conta não fecha.

Juliana Faddul: Então é mais fácil ela botar, sei lá, tipo três quilos de salsicha no fogão, enquanto ela faz outras coisas.

Branca Vianna: Porque é uma pessoa que faz tudo isso. A pessoa que lava, que faz faxina, é a mesma pessoa que cozinha e é a mesma que serve.

Juliana Faddul: E que é mãe também.

Branca Vianna: E às vezes essa mesma pessoa é agricultora também. E tem que lidar com burocracia nas horas vagas – mas que horas vagas?

Adelina Ramos: É, por isso que às vezes nós ficamos assim... muitas vezes fica cansada, né? Nós precisamos de projeto, né? Nós precisamos de apoio. Mas essa burocracia que colocam porque nós não temos estudo, né? Às vezes pede documentação: "Não, tem que mandar tal documento..."

Branca Vianna: Aqui é de novo a Adelina. Essa é uma conversa que a Ju gravou com ela lá na roça das mulheres de Belém do Solimões.

Adelina Ramos: Ali é abacaxi plantado, macaxeira, mandioca e tucumã plantado.

Branca Vianna: Agora o destino dessa colheita toda tá mudando. E toda essa saga tem mudado a Adelina. Ou pelo menos os horizontes dela.

Juliana Faddul: A luta da Adelina agora, porque a Adelina é assim: "Agora o inimigo agora é outro", sabe? Ela quer ter um contador tikuna e um advogado tikuna.

Adelina Ramos: E se nós queremos nosso filho, igual vocês que termina estudo, que faz faculdade...

Juliana Faddul: O que ela queria mesmo era ter uma universidade em Belém do Solimões. Eu falei: "Você está sendo ambiciosa, hein, Adelina". Ela falou: "Tô. Por isso que agora eu só vou me contentar com um advogado e um contador, por enquanto".

Branca Vianna: Essa história, que começou com colheita estragada e suco em pó, pode ser a semente de uma transformação.

Juliana Faddul: Aí foi que ela me mostrou que a merenda é universal. Não só nessa coisa da gente falar que a merenda é importante por causa da concentração e foco das crianças, de ter todos os nutrientes, etc, etc. Tudo ao redor mudou. Essa outra geração, essa geração é que é um pouco mais nova que eu, assim, que tem uns 18, 20 anos, eles já estão com uma outra mentalidade – que é quem quer ir para a agricultura, pode ir pra agricultura, mas quem quiser ir para a contabilidade, para o direito... agora eles têm dinheiro para poder bancar.

Branca Vianna: A transição da alimentação escolar em Belém do Solimões já foi uma pequena revolução na comunidade.

E isso nos leva de volta pro tipo de coisa que dá lobo na Amazônia: narcotráfico, garimpo, e desmatamento.

Porque quando você consegue ganhar dinheiro com agricultura familiar – ou com um emprego público, por exemplo, preparando a merenda numa escola – isso faz uma bruta diferença.

Juliana Faddul: Se eu tenho dinheiro e levo uma vida boa, a chance de eu entrar pro narcotráfico, a chance de eu entrar para um garimpo ilegal, a chance de eu entrar para uma pescaria que tá envolvida vida com tráfico é muito menor.

Fernando Merloto: Você está estimulando a geração de renda daquelas pessoas que geralmente têm pouco acesso a renda, ainda mais no interior da Amazônia.

Branca Vianna: Aqui de novo o Fernando Merloto, o procurador da República no Amazonas que conversou com a Ju.

Fernando Merloto: Você está injetando recursos, a gente estava falando um pouco antes, num cenário de macrocriminalidade, garimpo, tráfico, facção, milícia, desmatamento gigantesco, que utiliza essa precariedade toda para aliciar, cooptar. "Ah, vem aqui, seja meu aviãozinho". "Vou desmatar a sua área. Te pago 50 reais por dia para você desmatar sua própria área". Você colocando geração de renda nesses locais, isso também é segurança pública.

Rodrigo Pedroso: Então, se você está falando seriamente em preservar os territórios além da parte ambiental, punição e justiça, etc, você tem que falar de geração de renda, porque não tem como você não olhar essa dimensão do problema. E uma forma muito efetiva e boa de gerar renda é manter as populações nesses territórios, produzindo o que eles fazem desde sempre, que é a agricultura e a pesca. Então, assim, isso que também foi bacana nessa apuração. Foi a gente ver que tem soluções, e elas passam até por normativas já existentes. Só que elas simplesmente não são feitas na prática por N motivos.

Branca Vianna: Renda, segurança, proteção ambiental...

Juliana Faddul: "Ai, vamos falar de merenda", sabe? "Vamos fazer mais uma pauta de merenda". E isso foi que me mudou.

Branca Vianna: O Rodrigo Pedroso e a Juliana Faddul são colaboradores da Rádio Novelo.

Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – que

é uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexo planetário vital. Você pode conhecer mais em brazillab.princeton.edu.

Branca Vianna: Você já deve ter reparado no carro, que, no espelho retrovisor do lado do passageiro, tem um aviso que diz: "Os objetos refletidos estão mais próximos do que aparentam".

Tem uma explicação física pra isso, pra compensar o ângulo e a distância do que o motorista tá olhando. Mas eu lembrei desse aviso quando a gente pensou no tema do episódio de hoje: "Tão perto e tão longe".

Só que no segundo ato do episódio de hoje – assim como no primeiro, aliás – não tem explicação científica nenhuma pras coisas serem pouco acessíveis. Quem conta essa história é a Paula Scarpin.

Nesse próximo ato do Rádio Novelo Apresenta, a gente traz uma história que envolve sexo e pode ser sensível para alguns ouvintes.

ATO 2

Paula Scarpin: Outro dia o André veio aqui no estúdio da Rádio Novelo me contar uma história.

André Melo de Souza: Eu tinha ido pra um barzinho que tem lá no Méier...

Paula Scarpin: Méier é um bairro da zona norte do Rio.

André Melo de Souza: Na nossa mesa devia ter umas 15 pessoas mais ou menos.

Paula Scarpin: O André não lembra exatamente quando isso aconteceu, mas foi por volta de 2003, 2004. E entre essas 15 pessoas mais ou menos que estavam na mesa com o André, tinha uma menina.

André Melo de Souza: Assim, essa menina, ela já flertava comigo algumas vezes antes, né? Todo mundo sabe quando o outro tem algum interesse ou não, né?

Paula Scarpin: Vamos combinar que todo mundo sabe, né? Mas o André sabia. Até porque ele também tinha interesse na menina.

André Melo de Souza: E aí deu vontade de sair e ficar e coisa e tal.

Paula Scarpin: E aí, era domingo, tava ficando tarde, o pessoal começou a se organizar pra ir embora... E o André tava de carro. Com um detalhe importante:

André Melo de Souza: Eu não bebo, mas me divirto.

Paula Scarpin: É isso aí, a gente sabe: se beber, não dirija! Mas enfim, o André de carro, ofereceu uma carona pra galera. Quatro pessoas aceitaram. Entre elas, a menina.

André Melo de Souza: A gente saiu do bar. Aí ela sentou no banco da frente...

Paula Scarpin: O André e a menina estavam a fim de esticar um pouco mais, mas tinha outras três pessoas no carro...

André Melo de Souza: Nessa, eu entrei no carro e perguntei se eles queriam ir pra algum lugar, aí ela do meu lado falou assim: "Ah, eu acho legal". Aí eu falei assim: "Ah, bacana, então, vamos?" Aí o pessoal que estava atrás: "Não, pô, já estamos cansadão, amanhã é segunda-feira, coisa e tal. Pra mim não dá". Eu falei: "Ah, então tá de boa". Eu falei: "Tu quer ir pra algum lugar, fazer alguma coisa?" E ela: "Vamos". Se ela falou vamos, então assim... Então vamos, então vamos. Aí eu deixei...

Paula Scarpin: Primeiro os outros três em casa...

André Melo de Souza: Isso, e aí a gente foi embora. Aí, cara...

Paula Scarpin: Aí, uma vez só os dois no carro, a coisa foi evoluindo rápido... e eles decidiram ir para um motel. Só que tinha mais um detalhe.

André Melo de Souza: Eu nunca tinha ido num motel na condição de cadeirante.

Paula Scarpin: Tá, vamos fazer uma pausa aqui porque a gente nem apresentou o André direito. O nome dele completo, aliás, é André Melo de Souza.

André Melo de Souza: Eu já estou na cadeira de rodas há 23 anos. Eu fui atleta da seleção brasileira de remo adaptável. Ganhei minha vida durante um bom tempo tocando violão e voz nos vagões de metrô, toquei no trem, toquei nas barcas... De vez em quando toco na frente dos shoppings. Há pouco tempo atrás decidi fazer um curso de voo livre, então hoje eu sou piloto de voo livre.

Paula Scarpin: Isso tudo hoje, em 2023. O André tá com 44 anos. Essa história que ele tá contando é de mais ou menos 20 anos atrás, 2003, 2004.

André Melo de Souza: Em 2001 eu fiquei na cadeira de rodas.

Paula Scarpin: E ele já era muito atlético nessa época.

André Melo de Souza: Eu fui soldado do exército, gostava muito de atividade física. Corri meia maratona Rio pelo exército. Uma semana antes do meu acidente, eu estava fazendo rapel no Pico do Papagaio. Eu sempre tive uma vida muito ativa. Na época do meu acidente, eu já não estava mais no exército. Eu trabalhava num estúdio de gravação. Aí eu ia de moto para o trabalho e voltava. Do trabalho, eu ia direto para a escola, tava fazendo supletivo.

Paula Scarpin: E nessa época ele também já gostava de dar carona.

André Melo de Souza: Meu primo, ele falou assim: "Cara, tu me deixa em casa?", eu falei: "Deixo". Aí eu fui deixei ele em casa, e ele falou: "Cara, bota o capacete". Eu falei: "Pra quê, cara? Pô, tipo, um calor danado, o capacete é desconfortável", ele: "Cara, porque o capacete foi feito para dar na cabeça. Bota capacete". Eu falei: "Não, cara. Não precisa, não". Ele: "Bota o capacete". Eu falei: "Tá bom".

Paula Scarpin: O André deixou o primo em casa, e seguiu pra casa dele. De capacete.

André Melo de Souza: Aquela rua do acidente dava a mão pra pessoa que vinha da esquerda entrar na rua, e da direita também entrar na rua. Mas seguir era contramão. As duas só davam para a via, que era a principal, que eu estava. Aí na hora a moça cruzou, porque ela morava na rua de trás. Em vez de ela entrar na via, dar a volta para ir para a rua de trás, ela cruzou. E ali é um lugar muito difícil de ver, porque tem uma loja de negócio de uma fábrica de gelo, ficam caminhões na esquina, então assim é difícil para você olhar. E aí ela cruzou. Quando ela cruzou, eu peguei o carro dela no meio com a moto, bati bem no meio no vidro da lateral... Era uma Towner. A gente já quase não vê mais esses carros, mas antigamente era uma van pequenininha que parecia um pão de forma.

Paula Scarpin: Sei. Eu sei bem qual é.

André Melo de Souza: Eu bati na lateral dela. Aí eu quebrei o vidro da lateral com o capacete – e graças a Deus que eu estava com o capacete – e aí na hora a Towner virou, quando ela virou, eu bati a coluna no teto e quebrei a coluna. Rompi medula espinhal. E aí foi por isso que eu fiquei nessa condição.

Paula Scarpin: O André ficou paraplégico nesse acidente – por isso a cadeira de rodas. E muita coisa precisou se adaptar na vida dele por causa disso. Arrumar namorada não foi uma dessas coisas.

André Melo de Souza: Eu nunca tive muita dificuldade de arrumar namorada. Eu acho que também porque eu nunca fui uma pessoa assim do tipo: "Ai, eu estou na cadeira de rodas, como é que vão me olhar?" Cara, eu sou a mesma pessoa. Pra mim, cara, é igual quando eu andava. Essa situação da questão do relacionamento para mim não muda muita coisa.

Paula Scarpin: Quer dizer: depois do acidente, ele continuou saindo com as garotas, tudo normal... mas motel ainda não tinha rolado. Até aquele dia.

André Melo de Souza: Aí eu embiquei no hotel... no que a gente parou no guichê, assim. Aí a moça veio. Aí ela falou assim: "Alguma preferência por quarto?" Aí eu falei assim: "Qualquer um que eu consiga chegar nele com cadeira de rodas". Aí a menina olhou e falou assim: "O senhor usa cadeira de rodas?" Falei: "Sim". Ela: "Eu vou te pedir desculpas. Aqui eu só tenho quarto disponível com garagem privativa".

Paula Scarpin: Que tem uma escada pra chegar.

André Melo de Souza: Aí eu falei assim: "Mas como assim com a garagem privativa?" Porque às vezes poderia ser a garagem na lateral e a casinha ao lado, mas não era isso. Era o bem tradicional mesmo, a vaga embaixo e você sobe a escadinha. Aí ela: "Não, só tem uma garagem privativa, vai ter uma escada pro quarto". Aí ela ainda falou assim: "Olha, mas eu posso pedir alguém de repente daqui, se não pode te ajudar a subir". E, assim, fica super desconfortável pra mim. Aí eu agradei a ela, eu falei: "Não, te agradeço a gentileza, mas não". E aí eu saí, fiz a volta, saí e a gente foi embora.

Paula Scarpin: Eles foram embora, mas não iam desistir assim, de primeira.

André Melo de Souza: Eu passei acho que uns dois ou três motéis e nenhum tinha...

Paula Scarpin: Os motéis em que o André ia parando eram o mesmo esquema: garagem embaixo, quarto em cima, escadinha...

André Melo de Souza: Parei nuns três, aí nisso a gente foi, e a gente achando engraçado, porque tipo, cara, eu não tinha ideia de que você não conseguiria ir no motel. A gente parava num lugar e perguntava, assim, eu nunca tinha vivido aquilo. Porque eu nunca tinha ido num motel usando cadeira de rodas e ela também nunca tinha saído com um cadeirante.

Paula Scarpin: Depois de três tentativas, já estava quase virando questão de honra.

André Melo de Souza: A gente achou isso de certa forma engraçado...

Paula Scarpin: Um desafio.

André Melo de Souza: É, e eu não sei, cara. Aí eu começo a ter problemas, eu começo a rir. Enfim, acho que foi o quarto motel que a gente tentou. Eu parei. O lugar não era bonito, era um prédio, tinha uma fachada lá com letreiro. Mas era um prédio feio num local que não era bonito. Naquele momento, para mim, não me interessava se era um motel bacana ou não. Na condição que eu estava, eu queria um motel que conseguisse me atender. Aí eu parei. Parei no guichê, perguntei para a menina, e ela falou assim: "Vocês têm alguma preferência de suíte?" Aí eu falei assim: "Olha, qualquer quarto que eu consiga chegar com cadeira de rodas". Aí ela falou assim: "Não, vocês conseguem chegar, assim, porque é elevador. Vai ter um elevador. E aí no corredor vocês vão ter o acesso ao quarto". Aí eu falei: "E o carro?" Ela: "Não, o carro fica na garagem aqui embaixo e vocês vão sair direto para o elevador". Aí eu falei: "Então tá bom, tá ótimo". A gente foi para o quarto. E aí, tipo, depois de passar por três lugares que não eram acessíveis e o quarto que ela falou que era, a gente subiu. Quando a gente chega no quarto, tem um hallzinho assim, pequenininho, ele tinha uma mesa no meio. A gente comentou assim: "Ah, é só empurrar a mesa". Mas aí, quando foi empurrar, viu que a mesa era presa. Aí ela vira e fala assim: "Você quer que eu vá ali no interfone e veja com ela se tem um outro quarto que não seja assim?" Aí eu falei: "Cara, foi tão difícil pra chegar aqui, agora vai ser aqui mesmo". Ela: "Mas como?" Eu acho que ela deve ter imaginado, né? "Vai passar por cima

da mesa? Vai fazer o que?" Eu falei assim: "Olha só...e tinha uma cadeirinha no quarto".

Paula Scarpin: O André deu um jeito de pular da cadeira de rodas pra cadeirinha chumbada ali no hall de entrada do quarto... A menina passou a cadeira de rodas por cima da mesa, ele voltou pra cadeira, enfim... corrida de obstáculos.

André Melo de Souza: E aí estava resolvido. Enfim. A gente ficou no motel, se diverti, fez tudo o que tinha para fazer. Na hora que ficou cansado, a gente deitou para descansar um pouco, dormir. Deu determinada hora, ou ela ou fui eu que falou assim: "Ah, vou pedir para fecharem a conta, para o pessoal"... porque eles vão no quarto para ver se está tudo lá na geladeirinha. Aí eu fui ligar lá pra baixo, só que antes eu procurei minha carteira, e aí eu não achei a carteira. Aí eu falei com ela: "Olha, a gente tem um problema". Aí ela falou: "O que foi?" Eu falei: "Não tô achando carteira, celular. Não tem nada comigo". Aí eu falei assim: "Pode ser que tenha ficado no carro. Se for o caso, eu te dou a chave, você vai lá no carro, pega e traz". E ela estava sem dinheiro. Ela só tinha o celular dela, e eu estava sem celular e sem dinheiro.

Paula Scarpin: Nessa época eu não tinha pix...

André Melo de Souza: Pix teria me salvado.

Paula Scarpin: Mas a carteira e o celular do André não estavam no carro. Ele devia ter esquecido no bar, deixado cair em algum lugar...

André Melo de Souza: Aí eu falei assim: "Faz o seguinte, vamos descer. Que eu vou conversar com a moça". Aí eu fui lá na menina que fica no meu guichezinho. Aí eu falei assim: "Querida, posso falar com você um minuto?" Aí ela olhou para mim assim: "Oi, aconteceu alguma coisa?" Eu falei: "Não, olha só, eu nem chamei ainda o serviço de quarto para ir lá fechar que eu estou com um problema". Aí ela: "Com um problema?" Eu falei assim: "Olha, eu perdi a minha carteira e o meu telefone". Ela: "Como assim? Não está no quarto? Não está no carro?" Falei: "Não, tá, eu pedi, ela já foi lá olhar no carro e não está no carro". Aí ela: "Como é que faz?" Eu falei: "Eu não sei. Eu

vim aqui conversar com você para ver como é que a gente pode tentar fazer". Ela ficou me olhando assim. Ela falou assim: "Não sei... Então ela fica aqui e você vai buscar o dinheiro e volta. Quando você pagar, ela vai embora". Aí eu olhei para ela e falei assim: "Poxa, não tem como eu deixar..." Naquela época, a frente do rádio do carro era destacável. Aí eu falei assim: "Eu não posso deixar a frente do rádio do meu carro com você, e ela vai comigo?" Porque eu não queria deixar ela naquela situação de a menina ficar ali no saguão do hotel.

Paula Scarpin: No meio da madrugada.

André Melo de Souza: Gente chegando, ela sozinha, vendo gente, sabe? Muito desconfortável, né? Aí ela então: "Fica a frente do rádio e ela". Aí eu falei: "Não, mas a frente do rádio para ela não ter que ficar". Ela: "Não, mas é melhor ela ficar". Eu falei: "Poxa, não tem um gerente, tem alguém que eu possa conversar?" Aí ela: "Não tem, só tem eu. Mas eu não tenho autorização, eu não tenho como deixar você ir embora sem eu receber, porque se der um problema, eu vou ser chamada atenção". Provavelmente ia sair do bolso dela, alguma coisa assim. Enfim, ela também foi bastante rígida quanto ao trabalho dela. Aí, cara, eu fiquei assim: "Caramba, não sei o que que eu faço".

Aí eu falei com a menina da recepção, só que eu falei assim de ironia, porque eu fiquei com raiva, eu já tava puto. Aí eu olhei pra menina, olhei para ela e falei assim: "Vem cá, você não quer ficar com a minha cadeira de rodas, não, enquanto eu vou lá buscar o dinheiro?" Aí ela me olhou assim... ela ficou me olhando, falou: "Ah, a cadeira de rodas o senhor não tem como ficar sem. Não tem como o senhor não voltar pra pegar, né?" Falei: "É. Quer ficar com a minha cadeira de rodas?" Aí ela ficou olhando assim... Aí a menina que tava comigo: "Mas como é que a gente vai embora sem a cadeira?" Aí eu falei assim: "A gente vai para o carro, eu entro no carro, você traz a cadeira pra ela, a gente vai embora. Depois eu venho pegar a cadeira". Aí a menina olhou e falou assim: "Tudo bem, se deixar a cadeira, pode".

Paula Scarpin: O André estava meio puto, mas estava aliviado de ter arrumado uma solução.

André Melo de Souza: Mas, assim, é melhor ter alguma forma de resolver do que não ter nenhuma. A gente entrou no carro, eu deixei ela em casa primeiro e fui para minha casa.

Paula Scarpin: Você morava...

André Melo de Souza: Eu morava com a minha mãe. Nessa época, a gente morava numa vila.

Paula Scarpin: Uma vilinha de casas, uma rua fechada.

André Melo de Souza: Parei o carro na porta da casa da minha mãe, não dava para eu sair do carro. Comecei a buzinar.

Paula Scarpin: E isso era que horas?

André Melo de Souza: Umas 4 horas da manhã mais ou menos. Eu estou lá buzinando, e a janela da minha mãe era bem... Tem a varandinha, a janela do quarto dela era logo ali. Então falei: "Vou buzinar aqui porque ela vai me ouvir". Aí eu comecei a buzinar. Aí saiu a minha mãe com roupa de dormir, de camisola. "Filho, você sabe que horas são?" Falei: "Sei, mãe. São quatro e pouca da manhã". Ela: "Você não vai entrar, não?" Tipo: "Por que você não estacionou o carro?" Porque eu nunca parava o carro na porta de casa. Aí eu falei assim: "Mãe, não tem nem cadeira de rodas para eu sair do carro". Aí ela me olhou com uma cara... "Filho, como assim não tem cadeira de rodas? O que que você fez com a sua cadeira de rodas?" Na hora pensei assim: "Cara, minha mãe deve ter achado que eu estou usando droga. Vendi a cadeira para comprar drogas, só pode ser". Enfim, minha mãe falou assim: "O que você arrumou? Cadê sua cadeira?" Falei: "Mãe, você tem 40 reais?" "Eu não tenho. Que que você quer 40 reais?" Eu falei: "Mãe, eu preciso de 40 reais". "Para quê você quer 40 reais?" Falei: "Para pegar minha cadeira". "O que você arrumou com essa cadeira?" Eu falei: "Mãe, olha só. Eu fui para o motel com a menina e perdi a minha carteira, e a minha cadeira tá lá. Para eu pegar o dinheiro e ir lá e pegar minha cadeira". Ela: "Eu não tenho. Eu não

vou acordar o seu pai uma hora dessas". Falei: "Mãe, fala com meu irmão, ou então com a Ju", porque assim...

Paula Scarpin: Quem é Ju?

André Melo de Souza: A minha irmã, que tinha vindo de Maceió com o meu cunhado Luciano. Eu falei: "Mãe, pede para o meu irmão, para minha irmã, para alguém e eu não tenho como sair do carro. Se eu não tiver 40 reais, eu não vou buscar minha cadeira". Aí ela entrou resmungando: "Pô, uma hora dessas, os vizinhos, não sei que, você buzinando..." e entrou. Aí deu um tempo, sai o meu cunhado, que é meu cunhado até hoje, casou com minha irmã. Aí vem ele na porta do carro. Aí ele me deu 40 reais e falou assim: "Toma". Ele com a cara, assim, rindo, cínico. Eu falei: "Que que é, cara? Que tu tá rindo?" Ele: "Porra, meu irmão, tu imagina quem é que vai acreditar um dia quando eu contar do cadeirante que penhorou a cadeira de rodas no motel?". E foi assim que acabou a história. Muito louco! (Risos)

Paula Scarpin: Demais! (Risos)

Paula Scarpin: Você deve ter reparado que tem outro cara rindo comigo no estúdio, ouvindo a história do André. Foi esse cara quem tinha me soprado essa história – sobre "o cara que penhorou a cadeira de rodas no motel". O nome dele é Daniel Gonçalves. Ele é jornalista e diretor de cinema, e ele tinha conhecido o André quando tava pesquisando pro segundo filme dele, que tá estreando agora nos festivais, e que se chama "Assexybilidade" – tipo "acessibilidade" com a palavra "sexy" no meio.

Daniel Gonçalves: Que é um filme falando só sobre sexualidade de pessoas com deficiência, que é um tema super tabu. Falar sobre sexualidade é tabu por si só. Falar de sexualidade de pessoas com deficiência, o tabu é três vezes maior. Tem pessoas com diferentes tipos de deficiência, orientações sexuais, identidade de gênero, de diversas partes do país, né?

Paula Scarpin: O Daniel também fez questão de que a equipe da produção do filme fosse majoritariamente de pessoas com deficiência.

Daniel Gonçalves: A pesquisadora que achou boa parte desses personagens é uma mulher cega, a Natália Santos. Também a Gabi Bagrichevsky, que foi quem fez making of e fotografia still, ela tem visão monocular. Ela enxerga só de um dos olhos. E o Jonas Sá que foi um dos caras que fez a trilha também, ele também é um homem com deficiência.

Paula Scarpin: Ele também, o Daniel, é uma pessoa com deficiência...

Daniel Gonçalves: Embora eu não tenha um diagnóstico fechado para o que eu tenho...

Paula Scarpin: Ele trata mais especificamente dessa busca pelo diagnóstico no primeiro filme dele, que se chama "Meu nome é Daniel", e que você encontra no Globoplay.

Daniel Gonçalves: Quando me fazem essa pergunta, dependendo de quem tá perguntando, eu falo que eu não sei – que seria a resposta mais real ou verdadeira. Mas quando é uma pessoa que eu não quero estender a conversa, eu falo: "Ah, eu tenho... parece com paralisia cerebral".

Paula Scarpin: O tema da afetividade e da sexualidade de pessoas com deficiência sempre interessou o Daniel – por razões óbvias. Mas foi só quando ele virou jornalista que o tema pegou ele por outro lado: o da violência.

Daniel Gonçalves: Tem um número altíssimo de mulheres com deficiência que sofrem violência ou abuso e ninguém sabe, e não se fala.

Paula Scarpin: Um levantamento feito pela Associação Gênero e Número em 2021, por exemplo, revelou que 7 mulheres com deficiência por dia sofrem abuso só no Brasil. Tem também um estudo francês publicado em 2022 que trouxe outro dado surreal de que cada dez mulheres autistas, nove já foram vítimas de violência sexual.

Daniel Gonçalves: Nove em cada dez... são quase todas, né? E ninguém fala disso.

Paula Scarpin: Esses dados todos estão no post desse episódio no site da Rádio Novelo.

Daniel Gonçalves: E muitas vezes as mulheres não conseguem nem fazer a denúncia. Porque se, por exemplo, se uma mulher que é surda, que usa libras, ela chega na delegacia, não tem ninguém que sinalize libras para ela fazer a denúncia. Se é uma mulher com deficiência intelectual, por exemplo, pode ser que ela não entenda, que ela nem consiga perceber que ela sofreu algum tipo de abuso, violência.

Paula Scarpin: Mas não demorou pro Daniel sacar que entre todas as violências sexuais a que as pessoas com deficiência estão sujeitas, tem uma mais invisibilizada ainda: a presunção de que pessoas com deficiência não têm vida sexual.

Daniel Gonçalves: Tem mulheres com deficiência que vão passar a vida sem gozar. Então, assim, ninguém fala disso.

Paula Scarpin: Ninguém fala disso... então o Daniel resolveu falar. E não com os dados, as denúncias – que são fundamentais, né? Tanto que foi isso o que chamou mesmo a atenção dele. Mas ele queria falar de um jeito sexy, e com humor também, que é mais a pegada dele.

Daniel Gonçalves: E eu ouvi muita gente, entrevistei 26 pessoas pra esse filme.

Paula Scarpin: Algumas dessas pessoas não entraram no corte final do "Assexybilidade", que nem o André, que a gente ouviu agora há pouco. Mas teve um que entrou, e que me chamou muito a atenção quando eu vi o filme: o Dudé Martins.

Dudé: Meu nome é Eduardo, mas todo mundo me conhece por Dudé, e eu sou músico.

Paula Scarpin: O Dudé é vocalista de uma banda chamada "Entidade Blues".

Dudé: É uma banda de blues autoral, com letras em português, né?

Paula Scarpin: Algumas dessas letras foi o Dudé quem compôs. Tipo essa que a gente tá ouvindo, chamada "Elétrica Libido".

ARQUIVO – Entidade Blues – Elétrica Libido: "Sou caçadora e vim te buscar/ eu sou a loba/ quem vai te fazer uivar..."

Paula Scarpin: O Dudé me chamou a atenção no filme pelo jeitão dele... você já vai entender do que eu tô falando. Como ele mora em São Paulo, a gente marcou uma conversa por vídeo.

Dudé: A minha primeira vez foi interessante porque, assim, eu fui, na época, eu fui com uma moça muito mais experiente que eu. Eu devia ter uns 16 anos, alguma coisa assim. E foi atrás de uma banca de jornal porque o motel não tinha acessibilidade.

Paula Scarpin: Quer dizer: não é só no Rio de Janeiro que é difícil de encontrar motel acessível pra quem tem deficiência, né? Em São Paulo é a mesma coisa.

Dudé: Logo na entrada a gente já desistiu, porque era uma escada, mas era uma escadaria enorme. Parecia, sei lá... Bom, já eu já estou com meu passaporte carimbado pro inferno mesmo, então eu posso falar. Parecia tipo, sei lá, a escadaria de Nossa Senhora Aparecida, tá ligado? Era aqueles lugares que eu costumo brincar, só falta botar uma plaquinha na porta: "Proibida a entrada de cães, gatos e pessoas com deficiência". Porque é um negócio que é o cúmulo do absurdo. E eu virei para a mina e falei: "Cara, isso aqui não vai rolar". Além da escada ser muito longa, era uma escada que tinha degraus irregulares.

Paula Scarpin: O Dudé não é cadeirante, mas a deficiência que ele tem também não permite que ele suba escadas com facilidade.

Dudé: Eu nasci com uma má-formação congênita em virtude da Síndrome de Talidomida. Eu não tenho os dois braços – o meu braço esquerdo, ele é quase na altura do cotovelo. Meu braço direito ainda é menor que o braço

esquerdo. E eu não tenho a perna direita também, que aí, pra eu me deslocar na rua, eu faço uso de prótese, né, de perna mecânica.

Paula Scarpin: Ao contrário do André, que a gente ouviu no começo, o Dudé já nasceu com a deficiência. Então ele teve outra experiência de puberdade, adolescência, começo da vida sexual...

Dudé: Eu agradeço muito o fato de eu ter me tornado músico tão cedo, porque isso ajudou bastante. Eu agradeço ao rock'n'roll até por não ser mais virgem.

Paula Scarpin: Desde que o Dudé começou a cantar, no comecinho da adolescência, ele sempre fez sucesso com as garotas...

Dudé: Existe a exposição da tua imagem...

Paula Scarpin: E, pra ele, não é só que a deficiência física não é um problema. É que ela é uma vantagem.

Dudé: É tudo uma questão do quanto que a sua mente vai estar aberta para isso, e da sua criatividade para tal. Igual ao meu coto aqui você não vai achar num sex shop, entendeu? Com uma pessoa sem deficiência nenhuma, você não vai ter isso. Esquece!

ARQUIVO – Entidade Blues – Elétrica Libido: "Seja andante, baby... seja muletante ou cadeirante... seja amputada ou seja anã... baby, o importante é deixar voar o sutiã!"

Dudé: O tabu também existe junto a pessoas com deficiência.

Paula Scarpin: De pessoas com deficiência em geral não ficarem com outras pessoas com deficiência, é isso?

Dudé: Sim. Inclusive até, eu não sei por que que na cabeça de determinadas pessoas com deficiência, o fato de ela se relacionar com uma pessoa sem deficiência, pra ela é motivo de vitória.

Paula Scarpin: O Dudé já namorou garotas com e sem deficiência. A história que ele conta no filme do Daniel, aliás, é sobre quando ele contratou uma enfermeira pra ajudar ele – e uma garota com deficiência com quem ele tava saindo – a transarem.

Dudé: Coloquei um anúncio. Foi alguma coisa assim: "Precisa-se de auxiliar de enfermagem para trabalho inusitado."

Paula Scarpin: Várias enfermeiras curiosas responderam o anúncio do Dudé no Facebook – mas só uma mais cabeça aberta acabou topando o serviço. No fim, deu tudo certo. Mas o Daniel, que estava ali acompanhando a conversa, fez uma ponderação importante: não era pra ser tão difícil assim.

Daniel Gonçalves: Porque tem alguns países onde já existem serviços especializados em atender pessoas com deficiência na hora do sexo. Eu sei que na Austrália tem, na Espanha também tem.

Paula Scarpin: O Daniel estava no meio da ponderação quando o Dudé se deu conta de que tava acabando a bateria do laptop dele.

Dudé: Gente, pera só um minutinho que soltou aqui a fonte do notebook.

Paula Scarpin: Ah, beleza. Tá bom.

Paula Scarpin: Uma prima do Dudé veio, reconectou o cabo...

Dudé: Só um adendo. Tipo, pra colocar o plugue na fonte no notebook eu já precisei de ajuda. Tudo o que relaciona pino e buraco eu vou precisar de ajuda.

Paula Scarpin: (Risos)

Dudé: Imagina que eu ia perder essa... (Risos)

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Rádio Novelo.

Obrigada por seguir com a gente em mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Você já sabe que nosso site tem sempre material extra sobre todos os episódios. Essa semana, por exemplo, tem o making of do filme Assexybilidade, do Daniel Gonçalves, e fotos da apuração da Ju Faddul no Amazonas.

E, vem cá, você já assinou a newsletter do Rádio Novelo Apresenta? A newsletter te ajuda a lembrar que tem episódio novo no ar, e ainda traz sempre alguma dica marota de alguém da nossa equipe. Eu, se fosse você, não perdia tempo.

Agora, se você tá ouvindo esse episódio e pensando: "Poxa, sabe que eu tenho uma história que tem toda a pinta de ser contada no Rádio Novelo Apresenta"... seus problemas acabaram: no menu do site tem um botãozinho que diz: "Envie uma pauta". Lá a gente explica direitinho o que fazer pra mandar a sua ideia pra cá.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Natália Silva, e Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.